

O MAL EM  
APOCALÍPTICOS E O  
BEM EM INTEGRADOS

EVIL IN APOCALYPTICS AND  
GOOD IN INTEGRATED

EL MAL EN APOCALÍPTICOS Y EL  
BIEN EN INTEGRADOS

Gabriel Sausen Feil<sup>1</sup>  
Simone Munir Dahleh<sup>2</sup>  
Júlia Rocha Paz<sup>3</sup>

## RESUMO

O tempo é o tema principal de nosso presente trabalho, que traz os conceitos de Mal e Bem, de Georges Bataille (1989), e as concepções de cultura pelo entendimento dos apocalípticos e integrados, de Umberto Eco (2006), com o intuito de aproximar tais conceitos por conta de suas possibilidades de relações com o tempo. Primeiramente, apresentamos os quatro conceitos e, em um segundo momento, aproximamos os conceitos a partir de suas similaridades. Mostramos como esses conceitos são paralelos e não contrários, de forma a criar uma discussão reflexiva e não moral (já que envolve o Mal e Bem) sobre eles.

---

<sup>1</sup> Professor Associado da Universidade Federal do Pampa. Na graduação, atua no Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (desde 2009); na pós-graduação, atua no Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (desde 2017). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela mesma Universidade. E-mail: [gabriel.sausen.feil@gmail.com](mailto:gabriel.sausen.feil@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pampa. Pesquisadora Obitel Brasil/UFSM. E-mail: [simonemunird@gmail.com](mailto:simonemunird@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda da Universidade Federal do Pampa, no Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda; e integrante do Grupo de pesquisa t3xto (CNPq). E-mail: [rp\\_julia@hotmail.com](mailto:rp_julia@hotmail.com).

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Filosofia. Comunicação. Linguagem.

#### **ABSTRACT**

The time is the main theme of our work, that brings the concepts of Evil and Good, by Georges Bataille (1989), and the conceptions of culture by the understanding of the apocalyptic and integrated, by Umberto Eco (2006), with the aim of bringing such concepts closer because of their possibilities of relations with time. First, we present the four concepts and, in a second moment, we approach the concepts from the similarities between them. We show how these concepts are parallel and not contrary, in order to create a reflexive and non-moral discussion (since it involves Evil and Good) about them.

**KEYWORDS:** Culture. Philosophy. Communication. Language.

#### **RESUMEN**

El tiempo es lo tema principal de nuestro presente trabajo, que trae los conceptos de mal y bueno, de Georges Bataille (1989), y las concepciones de cultura por el entendimiento de los apocalípticos y integrados, de Umberto Eco (2006), con la intención de aproximar los conceptos en cuenta de sus posibilidades de relaciones con el tiempo. Primeramente, presentamos los cuatro conceptos y, en segundo momento aproximamos los conceptos por sus similitudes. Mostramos como esos conceptos son paralelos y no contrarios, de forma a crear una discusión reflexiva y no moral (ya que envuelve el bien y el mal) sobre ellos.

**PALABRAS CLAVE:** Cultura. Filosofía. Comunicación. Lenguaje.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

## Introdução e problematização

No presente trabalho, apresentamos os conceitos de Mal e Bem concebidos por Georges Bataille (1989) no livro "A Literatura e o Mal", e os conceitos de apocalípticos e integrados de Umberto Eco (2006), descritos no livro "Apocalípticos e integrados". Posteriormente, realizamos a aproximação dos conceitos mencionados. Tal aproximação é possível na medida em que detectamos que os conceitos selecionados possuem características similares, principalmente no que diz respeito à perspectiva temporal.

A vontade de realizarmos tal trabalho parte do interesse pela Filosofia e seu modo de pensar os aspectos da vida. A partir da curiosidade pela questão do tempo e pelo modo como os indivíduos lidam com esse fato que são obrigados a levar consigo durante toda a existência, surge a ideia de trabalharmos com os conceitos de Mal e Bem, de Bataille (1989). Para esse autor, o Mal se relaciona com as ações que primam pelo aproveitamento do instante presente, e o Bem se relaciona com as ações que se importam, principalmente, com o planejamento do futuro.

A partir disso, buscamos aproximar os conceitos de Mal e Bem, de Bataille (1989) com os conceitos de apocalípticos e integrados, de Eco (2006). Para esse segundo autor, a cultura de massa pode ser vista por dois vieses, o viés dos apocalípticos e o dos integrados. Diante disso, entendemos que o Mal (instante) se relaciona com os apocalípticos por conta de estes conceberem a cultura numa perspectiva instantânea e não funcional; e entendemos que o Bem (planejamento futuro) se relaciona com os integrados em função de estes se encantarem com a cultura de massa, justamente, por sua possibilidade funcional em que a humanidade colhe frutos pelo planejamento.

Para fins introdutórios, é importante que façamos quatro ressalvas para que o leitor compreenda de forma clara o que queremos abordar:

A primeira ressalva é de que o trabalho não pretende mostrar como tais conceitos podem ser opostos ou construir julgamentos morais sobre eles. Sendo assim, tratamos os conceitos do trabalho como paralelos, discutindo-os como diferentes e não contrários. Não se trata da defesa de um lado ou de outro; trata-se, isto sim, de trazer essa possibilidade de discussão, mostrando como esses conceitos podem conversar entre si.

A segunda ressalva que se faz importante é a de que não avaliamos o Mal como pejorativo e o Bem como positivo, ou os apocalípticos como os vilões e os integrados como os bons, por exemplo. Ainda que Bataille em sua vida tenha estudado o cristianismo, o Mal e o Bem, neste trabalho, não têm o sentido que o cristianismo entende, em que o Mal são as trevas, o errôneo, e o Bem as bondades praticadas. O Mal em Bataille (1989) nada tem a ver com o mal no sentido em que costumamos usar, aquele das ações que consideramos maldosas ou criminosas. Assim como o Bem não diz respeito ao bem ou ao bom em seus sentidos cotidianos, ligados ao agir de forma correta dentro das instituições da sociedade (iniciamos os conceitos em letras maiúsculas justamente para diferenciarmos os conceitos das palavras usadas no senso comum).

A terceira ressalva pertinente é de que o trabalho não possui um viés positivista, ou seja, sua importância está em mostrarmos como tais conceitos podem ser aproximados e relacionados em um âmbito reflexivo. Dessa forma, não há um problema-hipótese, pois o que pretendemos com o trabalho não é necessariamente responder questões que possam ter uma aplicação prática. Entretanto, a discussão conceitual que propomos pode ser considerada um problema; ou melhor, pode ser colocada na forma de questão-problema: quais possíveis aproximações podem ser feitas entre Mal e apocalípticos e Bem e integrados? Assim, podemos dizer que o trabalho defende a tese de que apocalípticos e integrados podem ser diferenciados pela perspectiva temporal que pressupõem em relação à concepção de cultura – os

primeiros assumindo a postura relativa ao tempo do Mal e os segundos a postura relativa ao tempo do Bem.

Cabe, ainda, a última ressalva de que, apesar da sociedade contemporânea estar com o pensamento programado a pensar na funcionalidade, utilidade e eficácia das coisas (CHAUI, 2006, p. 70), acreditamos na importância de trabalhos como este, tanto para o âmbito acadêmico, que tem o potencial de nos fazer pensar, sendo a reflexão a primazia desse universo, quanto para a renovação e modos diferentes de enxergar os conceitos de Mal, Bem, apocalípticos e integrados. Para tal, realizamos, num primeiro momento, a revisão dos quatro conceitos citados acima, para deixarmos claro de que relação estamos trabalhando ao usá-los no decorrer do texto e, num segundo momento, discutimos e articulamos os conceitos.

Sendo assim, utilizamos, principalmente, pesquisas bibliográficas primárias, ou seja, buscamos fontes que apresentam diretamente os conceitos; e pesquisas bibliográficas secundárias, fontes que apresentam os conceitos a partir de comentadores (STUMPF, 2010).

## **Apresentação dos conceitos**

### **O Mal e o Bem, em Georges Bataille**

Aqui apresentamos os conceitos de Mal (instante) e Bem (planejamento futuro) de Georges Bataille (1989), presentes em "A literatura e o Mal". É importante enfatizarmos que o autor não entende tais conceitos como alegorias ou metáforas (ao modo do Mito da Caverna, por exemplo), ou seja, quando menciona o Mal e o Bem, está se referindo aos próprios Mal e Bem, no sentido em que esses conceitos não estão representando outros objetos ou outras situações.

No livro citado, Bataille traz oito autores malditos da literatura: Emily Brontë, Baudelaire, Michelet, William Blake, Sade, Proust, Kafka e Genet, com o propósito de utilizá-los em prol do seu texto, encontrando o Mal e o Bem tanto nos escritos desses autores quanto na própria vida deles. Detectamos que os conceitos de Mal e Bem acabam sendo expressos pelo autor, ainda que não nos termos que estamos acostumados a usar comumente, em pelo menos sete argumentos para o Mal e seis argumentos para o Bem. O Mal aparece como: instante, Mal puro, transgressão do Bem, sádico, movimento da criança, morte e prazer. E o Bem aparece como: planejamento futuro, organização da sociedade, trabalho, manutenção, coletivo, duração.

Podemos entender o Mal, apresentado no livro, como algo que está em relação com a ideia de instante, isto é, o Mal é entendido por esse autor como o gozar do presente sem que o foco sejam as preocupações que estão por vir. Os indivíduos, quando estão em relação com o Mal, pensam apenas naquele instante, as consequências são deixadas de lado. O instante se preocupa apenas com o prazer (p. 4), de modo que a importância do acontecimento se concentra apenas no momento em questão.

O Mal, apresentado aqui, se vale por si mesmo, basta-se por sua própria força. Somente devemos desejar do Mal o próprio Mal. Queremos que a partir dele se tire um aproveitamento material seria não considerarmos o Mal em sua pureza: “nós não podemos considerar como expressivas do mal as ações cujo objetivo é um benefício, um proveito material” (p. 14). Ou seja, o autor está, desde já, diferenciando o Mal do mal do senso comum, cujo objetivo é um benefício.

O Bem, por sua vez, baseia-se no futuro. Os indivíduos do Bem acreditam que o que deve ficar na primazia de suas preocupações é a administração do tempo com o planejamento de suas vidas, enquanto o aproveitar os momentos de intensidades ficam em segundo plano, de modo que o destino determinado (trabalhar, estudar, constituir família, acumular bens) é a obsessão que não cessa.

O Mal não se torna Mal por infringir essas leis, pelo contrário, parte delas. É dependente delas para ter o que romper. Caso não houvesse essas leis (não apenas no sentido jurídico, mas no de definições estabelecidas), não haveria o que ser ultrapassado. Mesmo que o Mal seja natural à vida (no sentido primário), seu efeito somente aparece quando se encontra em contraste com o Bem: “se a intensidade luminosa do Bem não desse seu negror à noite do Mal, o Mal não teria mais seu encanto” (p. 124).

Cabe aqui um esclarecimento sobre os sentidos de Mal, em relação ao que Bataille (1989) utiliza e o mal que estamos acostumados a assimilar seu significado no dia-a-dia. O Mal trazido pelo autor se refere a aproveitarmos o tempo instante da nossa vida (mais do que nos preocuparmos com o tempo futuro), de modo que, quando estamos gozando desse presente, não podemos deixar que os deveres que temos enquanto indivíduos que vivem em sociedade tomem conta do nosso momento. O mal se difere aqui do Mal, pois não diz respeito ao mesmo sentido que o autor busca abordar, mas sim àquelas ações ruins e pejorativas que estamos acostumados a ouvir ou dizer como, por exemplo, que tal sujeito é mal porque cometeu delitos, furtos, crimes. O mal, portanto, não é o nosso tema de interesse neste trabalho.

O Mal, em Bataille (1989), é o sonho do Bem, é o seu desejo mais profundo. Por mais que o Bem tente se manter na ordem em que se estabelece, o seu grande segredo é que ele deseja ser Mal, deseja desfrutar do prazer de aproveitar instantes. Bem-futuro e Mal-instante são movimentos completamente diferentes, mas não são contrários: por mais que tentemos impor o Bem contra o Mal, este não pode ser evitado, é natural à vida. A sociedade, por mais que tente eliminá-lo, fracassa, pois, ao realizar esse esforço inútil, acaba divinizando/potencializando o Mal. “É verdade que a humanidade o exclui, mas para engrandecê-lo. O interdito diviniza aquilo a que ele proíbe o acesso” (BATAILLE, 1989, p. 18). O Mal está na margem, porém, está presente e, sendo assim,

quanto mais se proíbe o seu acesso mais poderoso se torna; o desejo por seu consumo aumenta, pois se instiga mais sobre ele.

Nós somente podemos ter da vida uma visão trágica (BATAILLE, 1989, p. 21). Morte e instante se confundem porque ambos se opõem às pretensões do Bem. A Morte e o instante são de certa forma a vida. A morte é senão o instante, pois abdica da busca dos cálculos da duração. O novo ser que surge depende da morte de um outro ser. Sua vida surge da morte de alguma coisa. Caso isso não ocorresse seria impossível sua existência na terra, não haveria espaço e matéria para o surgimento da sua vida. A visão trágica da vida que é, ao contrário de uma noção pessimista, o encantamento da vida (BATAILLE, 1989, p. 21).

O Mal, propriamente dito, não é um caminho, pois é natural à vida; entretanto, pode ser entendido como um caminho na medida em que entendermos a escolha pelo Mal como sendo aquela em que prioriza experimentar a vida em seus instantes e não em sua duração. Blake, segundo Bataille (1989), teve uma vida feita de suscetíveis recusas dos limites que a sociedade impõe, “sua energia rejeitou as concessões ao espírito do trabalho. Seus escritos têm uma turbulência de festa, que dá aos sentimentos que ele exprimia o sentido do riso e de uma liberdade desenfreados” (p. 88-89). Podemos perceber que a recusa do trabalho servil é constitutiva do Mal (p. 88); além disso, podemos perceber que Bataille (1989) identifica em Blake a recusa ao planejamento futuro, o que dá força aos instintos, potencializando os desejos.

É sabido que no momento em que o indivíduo passa a viver em sociedade, esta começa a lhe pressionar a se preocupar com o futuro, planejar, trabalhar e acumular. Assim, organiza-se de forma que o Bem passa a ser necessário para a sua manutenção como tal, dessa maneira abre mão do Mal na maioria das vezes, e isso acontece não por não preferi-lo (talvez o prefira na maior parte do tempo), mas sim porque o Bem é indispensável se quiser que a forma da sociedade se mantenha. Entretanto, essa maneira de viver não é uma forma necessária; é, pelo contrário, uma forma

problemática, justamente porque, na maior parte do tempo, busca negar o Mal, ainda que, para continuar mantendo essa ordem, sejam essenciais doses de Mal.

Bataille (1989), ao utilizar-se de um trecho de “Carta ao pai”, de Kafka, para abordar o Mal, observa como a formação familiar e o casamento têm suas validades pela relação que o indivíduo precisa ter com o trabalho (planejamento futuro) para manter-se em tais instituições:

O obstáculo essencial a meu casamento [...] é minha convicção, que, já é definitiva, de que para assegurar a existência de uma família, e sobretudo para dirigi-la, necessariamente são precisas as qualidades que reconheço em você. É preciso, digamos, ser o que você é, trair o que eu sou (KAFKA apud BATAILLE, 1989, p. 137).

Dessa forma, além de trair sua natureza, Kafka teria que abdicar-se da literatura e viver no universo do trabalho tradicional. Ou seja, caso quisesse se manter nessas instituições, teria que preferir o Bem, como determinação estabelecida da sociedade e abdicar do Mal, da sua existência enérgica. Se Kafka não abdica do Mal é porque o que lhe move enquanto escritor é, justamente, essa existência inquietante.

Por volta do século XIX, a sociedade burguesa começa a introduzir vias férreas com o objetivo de aumentar sua produção. Com isso, o mundo civilizado intensifica a sua organização pautada na abundante produção de bens e na acumulação de tais bens. E os indivíduos aceitam essa condição acreditando numa perspectiva de libertação do mundo da escravidão trabalhista (BATAILLE, 1989, p. 50 - 51). Assim, o interesse individual torna-se o interesse do capitalismo (p. 51) apenas no sentido de cada pessoa se sentir responsável por suas conquistas. Porém, as vontades individuais são, em verdade, deixadas em segundo plano, pois em primeiro plano passa a importar o trabalho que fortifica a sociedade enquanto instituição. Assim, o que vemos se fortificando é um funcionamento social, ainda que tal funcionamento seja claramente injusto com alguns indivíduos.

Sabemos que é do ser humano, em sua natureza social, a vontade de durar, de nos afastarmos da morte a qualquer custo: apagamos indícios que podem remeter à

morte, acreditamos em superstições, afastamo-nos de funerárias, não queremos passar na frente de cemitério. Queremos a paz e o bem de todos (na verdade trata-se apenas de querer se manter vivo) (BATAILLE, 1989, p. 57). Porém, não podemos viver sempre evitando a morte, é necessário passarmos por algumas situações que nos tragam desconforto, para que tenhamos a sensação de que pelo menos por alguns instantes podemos superar a morte, tornando-a mais leve. As artes respondem bem a essas questões, cujo objetivo geralmente é nos levar a estados de emoções incomuns ao dia-a-dia; a exemplo disso, estão as peças de teatro trágicas/cômicas. As artes, mesmo não tendo valor prático (não menos importantes por isso), levam-nos a momentos prazerosos por instantes e, por isso, podemos considerá-las como sendo experiências do Mal (p. 58).

### **Apocalípticos e integrados de Umberto Eco**

No livro "Apocalípticos e integrados", Umberto Eco (2006) traz uma visão de como podemos ser influenciados pelos meios de comunicação em massa e como a cultura e a sociedade agem diante deles. Para isso, faz um paralelo sobre o que considera uma visão apocalíptica e o que considera uma visão integrada sobre esses meios. Porém, o autor não se posiciona sobre seu lado, apenas discute os dois conceitos nos oferecendo um panorama sobre as duas formas de enxergarmos os meios de comunicação em massa e sua influência sobre a sociedade.

Tendo esse paralelo entre apocalípticos e integrados, o autor mostra como tais posições agem sob a exposição dos meios de comunicação em massa, em que, ao colocar o lado de cada um, também relata a veracidade dos argumentos de cada e ressalta que nenhum dos lados é ingênuo com o processo.

Assim, o autor reconhece os apocalípticos como aqueles que entendem cultura no seu sentido alemão, Kultur, a qual possui uma conotação referida a realizações

intelectuais e artísticas, que expressam a individualidade e criatividade de cada indivíduo. O termo Kultur é utilizado pelos alemães para descrever feitos no campo da academia, da filosofia e da arte; nesse sentido, cultura são os produtos intelectuais e artísticos de cada um, de tal forma que uma pessoa se torna culta produzindo ciência/arte (THOMPSON, 1995, p. 168).

Dessa forma, os apocalípticos acreditam que a cultura é um fato aristocrático, ou seja, a cultura é rara e por isso imaginar uma cultura reproduzida e que seja produzida de forma a se adaptar às massas é um contrassenso. Para eles, a cultura morre quando é massificada. Portanto, a cultura de massa é, mais propriamente, uma anticultura (ECO, 2006, p. 8).

Por conta desse posicionamento categórico, os apocalípticos recebem muitas críticas; dentre essas, a mais recorrente é a de que, ao conceberem seus textos de crítica sobre a cultura de massa, usam os canais do universo da comunicação massiva para se expressar e, justamente por isso, não há escapatória desse ambiente, todos estão embutidos a essas condições (ECO, 2006, p. 11). Em outras palavras, mesmo que produzam conteúdos criticando a massa, utilizam os meios de massa para se comunicar.

Os apocalípticos observam a cultura nos meios de comunicação em massa para poder problematizá-la; mesmo assim, o autor nos alerta para a possibilidade de esse grupo estar criticando/teorizando os integrados somente para se sentir superior, mesmo que seja simplesmente pela recusa da cultura de massa. A intenção seria a de criar para si uma comunidade de “super-homens”, aqueles que estariam salvos da banalidade da cultura ordinária. Assim, os próprios textos apocalípticos podem ser apenas mais um produto oferecido à criticada cultura de massa (ECO, 2006, p. 9), pois, ao serem concebidos, tornam-se, mesmo não sendo essa a finalidade, produtos para a massa.

Com relação aos integrados, Eco (2006) os descreve como os otimistas, pois enxergam os meios de comunicação em massa como positivos para a cultura: agora os meios de transmissão de culturas em massa, tais como a TV, o jornal, o rádio e as histórias em quadrinhos, estão disponíveis para todos. Assim, acreditam que, com os bens culturais à disposição de todos, há um alargamento da cultura, já que antes era restrita apenas aos que tinham condições de acesso (p. 8-9).

O autor (2006) traz ainda, nesse mesmo livro, um ensaio intitulado "O Mito do Superman", em que conta como e porque essa narrativa se encaixa perfeitamente na sociedade que se integra a esses meios de comunicação massivos. Para Eco (2006), o mito, numa sociedade de massa, trata-se da identificação de um objeto, de maneira a conceber uma imagem de aspirações do que gostaríamos de ser (p. 242 - 243). Tal fato é importante para entendermos o porquê do Superman ser considerado um mito na sociedade contemporânea.

O personagem descrito é um herói, que possui aparência de um homem mediano (comum) que trabalha e esconde seus poderes nas vestes de um jornalista, Clark Kent. Sua identificação com o público se dá justamente porque em certos momentos esse herói possui poderes que qualquer um pode ter, as virtudes do herói se humanizam (ECO, 2006).

Nessa história há esperanças; então, o autor acredita que, assim como na história, nada está perdido, seus contempladores veem nela um refúgio, um passatempo para sua vida complicada. A história nos faz pensar que os grandes problemas da sociedade são os incêndios, os roubos e não a pobreza, a fome. Ainda que essa história se passe no presente, ou seja, ela está em um "contínuo presente" (p. 260), sua duração pode ser infinita, ela se encerra apenas por exaustão.

Além disso, Eco (2006) aponta que essa crítica pode ser um relato apocalíptico, pois descreve esse personagem como um modelo de heterodireção, ou seja, ele nunca é dirigido por si mesmo; suas ações, assim como sua vida, são guiadas por várias

influências e direções a prosseguir: da sociedade, da tecnologia e da publicidade (p. 261).

Umberto Eco (2006) usa o conceito-fetice (conceito em que canaliza todo o desejo em um só objeto) de “indústria cultural” para expressar como essa ideia é reprovável, pois, quando pensamos em cultura, imaginamos o contato de almas, ideias e costumes, já quando pensamos em indústria, pensamos em linhas de montagens, reprodução em série e em mercadorias sem diferenciação/individualização (p. 12). Assim, associar a cultura à indústria seria contraditório. Entretanto, parece-nos que o intuito de tal conceito é, justamente, estabelecer essa inusitada relação.

O termo indústria cultural abrange as técnicas que levam à padronização das obras com o intuito de atender as funções da economia. Geralmente essas obras são produzidas de forma que tenham conteúdos fáceis de serem assimilados, para que não precisem de grandes esforços para serem compreendidas por quem as recebe. Outra característica da indústria cultural é que os produtos devem ter técnicas dos objetos empíricos da vida dos indivíduos, para que haja identificação e um prolongamento do que se consome (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Quando pensamos em como era a produção de algo artesanal, como um livro antes da reprodução em série, imaginamos a relação que ocorria entre o criador e a sua obra; em cada imagem e cada letra pensadas com cuidado, e em toda a relação artesanal, particular e individual de cada livro. Porém, surge a possibilidade da reprodução em série com a xilogravura, e torna-se mais fácil produzir várias cópias em menos tempo. Dessa forma, surge a reprodução da bíblia, e conseqüentemente exemplares que são produzidos em maiores quantidades tendem a baixar seus custos e se democratizarem, ou seja, mais pessoas passam a poder consumir o que antes não tinham acesso (ECO, 2006, p. 12). Aqui, podemos perceber a clara distinção do que os apocalípticos acreditam ser cultura e a relação dos integrados com a cultura sendo produzida em série.

Com a invenção dos tipos móveis de Gutemberg surgem os livros, e assim esses produtos passam a ser produzidos em séries, e logo se cria um determinado público que irá de certa forma condicionar os produtos que irão consumir (p. 12). Dessa forma, os integrados participam da produção de cultura, pois ao moldarem seus produtos de consumo estão moldando a própria cultura a seu modo. E é aqui que reside a grande crítica dos apocalípticos aos integrados, de que a cultura tende a ser moldada para seus consumidores, assim, tende a perder a sua essência e a se tornar apenas produto da indústria cultural (ECO, 2006).

Para os apocalípticos somente é cultura o que é singular, particular; a cultura deve ser concebida a partir de um ato espontâneo, de um pensamento extraordinário. Já para os integrados, cultura é aquilo que é partilhado e fica à disposição de todos; eles acreditam na cultura de massa como um alargamento da cultura, operam e se integram com ela e para ela (ECO, 2006).

Dessa forma, a cultura para os apocalípticos é a produção do instante, pensamento automático e espontâneo, que não pode ser para todos e nem programado. Deve surgir no momento de inspiração do indivíduo. Assim, condenam os meios de comunicação em massa que dissipam sua produção homogênea, desconsiderando as diferenças do público e tornando-o em seres que não refletem, pois o conteúdo que divulgam geralmente é entretenimento e lazer de fácil assimilação.

Os integrados absorvem a cultura de massa e operam junto a ela. Para eles, a cultura nos meios de comunicação em massa se democratizou, quem não tinha nenhum acesso à cultura, agora tem. A cultura se constitui em conteúdos repassados pelos meios de comunicação em massa e isso contribui para o aprendizado de grande parcela da população que antes não possuía nenhum tipo de alcance a essas informações. Assim, a cultura, para os integrados, é integração, é partilhamento de

informações que contribuem para o futuro. A cultura é duração; no momento que se distribui, torna-se material infindável de conhecimento.

## Aproximação\discussão

### Instante (Mal e apocalípticos)

No seguinte texto realizamos a relação do tempo instante com as ações do Mal e o com o conceito de cultura usado pelos apocalípticos, mostrando similaridades e possíveis aspectos em comum.

O instante é uma característica de tempo que podemos fazer relação do Mal com os apocalípticos, pois da mesma forma que o Mal valoriza o tempo instante em sua vida, o apocalíptico considera cultura os produtos produzidos sob uma lógica do instante.

O Mal se preocupa com o instante por considerar tal tempo o que há de mais puro (natural) em sua vida, é o não negar o seu instinto. As ações que optam pelo Mal abdicam do conforto de viver com segurança, em troca de prazeres da ordem do instante (em que não há preocupação futura) na qual uma vida enquadrada na sistematização da sociedade não seria possível, pois a sociedade necessita de precauções relativas ao futuro na maior parte do tempo. Os apocalípticos valorizam e consideram cultura o que é produzido a partir de uma relação do momento (momento não no sentido de que a produção é realizada a partir do nada, pois, mesmo sendo da ordem do instante, não podemos diminuir a importância do estudo e da pesquisa). Suas produções têm a necessidade de serem únicas, devem surgir do sentimento que estão tendo em tal momento da vida, e jamais serem programadas.

A cultura para os apocalípticos não pode ser pensada para atender funções, mas deve estourar, suas criações devem ser produzidas a partir de sentimentos que

transbordam, impossíveis de conter, que vertem. Se a criação tiver a necessidade de ter pré-requisito (ser útil, funcional ou para fins comerciais) já não é mais cultura para eles. Os materiais pré-definidos para as massas tornam-se outra coisa que não cultura (indústria cultural).

A cultura enquanto obra para os apocalípticos deve se bastar e valer por si só. Como em Bataille (1989), em que o Mal faz relações com ações espontâneas dos indivíduos que não estão preocupadas em fazer algo para atender a alguma demanda, mas sim por precisarem, por sentirem essa necessidade.

### **Planejamento futuro (Bem e integrados)**

Nos parágrafos que seguem realizamos as possíveis relações existentes entre as ações do Bem e o conceito de cultura, estabelecido pelos integrados. Para isso, encontramos aproximações desses dois conceitos com o preferir o tempo futuro ao instante.

Podemos perceber que a primazia em se preocupar com o planejamento futuro pode fazer relações com o Bem, de Bataille (1989) e com os integrados, de Eco (2006). Tais conceitos trabalhados aqui dizem respeito àquelas ações que são empreendidas tendo como referência uma preocupação futura.

O Bem faz relações com o controle sistemático da sociedade. Como os indivíduos vivem nela, há alguns instrumentos necessários de organização para que a manutenção de seu funcionamento se estabeleça em ordem de uma forma sutil. Tal fato também ocorre com os integrados, que operam junto aos meios de comunicação em massa, encantam-se com a funcionalidade e com a possibilidade de colher benefícios a partir disso. Para os integrados, a cultura de massa é integração e acesso, acreditam que essas informações apresentadas nos meios de comunicação são úteis para os seus futuros.

As ações do Bem demandam uma série de requisitos básicos à vida dos sujeitos: trabalho, família, casa, saúde, alimentação farta. Essas determinações fazem com que o indivíduo se adapte a essas necessidades para se manter sem problemas nela. De modo que, se preferir dedicar a maior parte do seu tempo aos prazeres (Mal), tais exigências de manutenção não serão cumpridas e será pressionado pela sociedade a se readequear. Caso não ocorra, certamente terá problemas, “o lado do Bem é o da submissão, da obediência. A liberdade é sempre uma abertura à revolta, e o Bem está ligado ao caráter fechado da regra” (BATAILLE, p. 176).

Os integrados, por sua vez, consideram cultura os conteúdos que são dissipados pelos meios de comunicação em massa, acreditam que com isso há uma democratização da cultura, porém, esses materiais são propostos em blocos, para o coletivo e nunca para o indivíduo especificamente. Os integrados consideram que, se a massa absorve tais ideias sem questioná-las, é porque assim o quer; e que se o conteúdo é de fácil assimilação, é porque se trata do conteúdo que se adapta à realidade e ao ritmo da nova sociedade. O problema, do ponto de vista do Mal (e por isso que o Mal está mais relacionado com a outra perspectiva, a dos apocalípticos), é que, dessa forma, não sobra muito tempo para os indivíduos refletirem e explorarem seus prazeres. Além disso, os meios de comunicação abordam o Mal como sendo negativo, e o Bem como positivo: em novelas, por exemplo, um sujeito que trabalha e tem família é considerado bom, enquanto que o indivíduo que tem ações direcionadas aos seus prazeres é considerado o problemático da história, aquele que precisa, ao final, readequear-se ou ser penalizado.

A preocupação com o coletivo também é ressaltada no Bem, sua organização desperta responsabilidades que precisamos ter com indivíduos que vivem conosco, de tal forma que precisamos nos organizar e planejar para que possamos garantir o bem-estar dos que vivem juntos a nós. Dessa mesma forma, a preocupação com o futuro do coletivo é ressaltada tanto no Bem quanto nos integrados que acreditam que com

o esforço presente terão um futuro recompensador e deixam para um segundo plano seus desejos individuais e anseios da ordem do instante.

Nesse momento, cabe ressaltarmos que não podemos confundir a ideia de coletividade associada aos integrados com a ideia democrática de coletividade, aquela do sentido social, em que queremos o bem-estar e garantir os direitos iguais a todos; não é dessa coletividade que estamos tratando, mas sim no sentido sociável, de que precisamos do outro para nos mantermos com conforto onde vivemos.

Outra ressalva que se faz importante é a de que a individualidade que caracteriza as ações do Mal e dos apocalípticos não pode ser confundida com a individualidade capitalista, aquela da propriedade privada. A individualidade que abordamos aqui é a da singularidade: expressão de necessidades e anseios diferentes entre si.

### **Singular (Mal e apocalípticos)**

No texto a seguir, realizamos aproximações entre as ações do Mal e o conceito de cultura estabelecido pelos apocalípticos com o aspecto de que ambos têm fortes características no que diz respeito à originalidade e raridade.

A singularidade é um elemento de importância no que diz respeito às ações do Mal e às relações acerca do conceito de cultura usado pelos apocalípticos. Estes não consideram cultura os objetos que os meios de comunicação em massa dissipam, justamente porque difundem conteúdos massificados e banalizados. A cultura para eles deve ser rara, original, aquilo que o indivíduo produz enquanto vontade própria e somente para atender a um anseio pessoal.

Adorno e Horkheimer (1985) criticam os meios de comunicação em massa por esses reduzirem as singularidades dos indivíduos. Tais meios difundem conteúdos que resultam em uma falsa identificação, em que o particular e o universal se confundem,

“as particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural” (p. 73). Ou seja, esses meios conseguem criar estereótipos que fazem os indivíduos se identificarem, porém, esses padrões estabelecidos são na verdade uma forma genérica de identificar os indivíduos, já que possuem particularidades diferenciadoras entre eles.

Os indivíduos imaginam uma constante renovação de informações e entretenimento, mas a realidade é que o que há é sempre o mesmo do mesmo, conteúdos idênticos em uma nova forma: “a máquina gira sem sair do lugar. [...] ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 111). Para o sistema se manter, os meios de comunicação em massa não podem difundir conteúdos que tenham a possibilidade de que os indivíduos instiguem-se e passem a questionar, se isso acontecesse a manutenção estaria em constante ameaça.

Dessa forma, Adorno e Horkheimer, segundo Polistchuck e Trinta (2003, p. 109), substituem o termo mass culture por Kulturindustrie, por analisarem que os meios de comunicação em massa desconsideram totalmente as particularidades dos indivíduos. Os apocalípticos consideram cultura o que é único, da ordem do individual; nesse sentido, é possível trazer o termo Kultur, utilizado pelos alemães ao se referirem à cultura, para embasar essa relação.

Os apocalípticos acreditam que a cultura pode ser para todos, mas dificilmente será: todos têm a possibilidade de serem professores, mas só alguns conseguirão de fato lecionar. O grande problema apontado pelos apocalípticos é a construção de coisas de forma artificial. Como não se pode exigir tais habilidades de todos, pois nem todos os indivíduos conseguem de fato realizar algo, as coisas acabam adaptando-se da forma mais fácil possível, para que todos possam fazer, mesmo que de forma rasa. Aqui reside o grande problema para eles, adaptar tudo para que seja compreensível e viável.

Dessa forma, os apocalípticos creem em uma cultura no sentido alemão de Kultur: “se associa à ideia de criação de que o espírito humano é capaz” (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003, p. 109), ou seja, acreditam que cultura é aquilo que o indivíduo produz enquanto mente e alma, são as obras criadas a partir de uma ordem artística e/ou intelectual. Motivo pelo qual criticam os meios de comunicação em massa ao considerarem cultura conteúdos técnicos produzidos para o coletivo a fim de algum benefício posterior, o que acaba destruindo o sentido de cultura que acreditam. As ações do Mal, também não pensam nas consequências, apenas no instante. Esse planejamento do depois é o que impede o prazer de efetuar-se: “a fraqueza previdente se opõe ao princípio do gozo do instante presente. A moral tradicional concorda com a avareza, ela vê na preferência pelo gozo imediato a raiz do Mal” (BATAILLE, 1989, p. 126).

A aura da obra de arte, que Walter Benjamin (1994) traz, é conceito que expressa a ideia de singularidade tão cara ao pensamento apocalíptico. Esse conceito diz respeito à intensidade que uma criação é capaz de transmitir. Com a sociedade de massa, a reprodução em série passa a não mais depender de habilidades artísticas, as obras começam a ser reproduzidas infinitamente. Benjamin, dessa forma, acredita que a aura dessas obras se perde, pois, ao serem reproduzidas, a força em torno delas enfraquece, mesmo que esse processo seja realizado perfeitamente.

Para cada indivíduo que contempla uma obra há um sentimento singular que não torna a se repetir (não da mesma forma). O autor tenta explicar essa aura como sendo o instante que singulariza a obra e a torna única em relação a suas reproduções: “a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (p. 170). A aura desperta sensações reais, sensibilidade sobre tudo o que ocorre ao nosso redor. Da ordem da experiência na qual não temos domínio e nos foge da lógica da explicação. Assim como as ações do Mal não precisam ser justificadas, justamente porque não há

o que explicar, devem apenas ser vividas e experimentadas unicamente a favor da satisfação do prazer do momento.

### **Ordinário (Bem e integrados)**

No seguinte texto, realizamos a aproximação entre os aspectos do ordinário com o conceito de Bem e o conceito de cultura estabelecido pelos integrados, encontrando características do comum, do usual e do dia a dia que podem ser ressaltadas no que diz respeito a esses dois conceitos.

É possível fazer relações a partir dos aspectos do ordinário tanto com os integrados quanto com as ações do Bem. Basta observarmos os apocalípticos e as ações do Mal para entendermos essa relação. Os primeiros se opõem à cultura comum que é dissipada pelos meios de comunicação em massa justamente por entregarem conteúdos indiferenciados e genéricos aos indivíduos. Os segundos possuem características de oposição aos aspectos do ordinário. As ações do Mal devem conter em si fugas do cotidiano e para serem aceitas em sociedade (Bem) não podem ser contínuas, devem ser curtas.

Os integrados têm como cultura os conteúdos habituais e impessoais transmitidos pelos meios de comunicação em massa sem nenhuma adversidade, pois, para eles, cultura é partilhamento e acesso constante, não há aborrecimentos se esses materiais sejam elaborados para uma massa. Ao contrário dos apocalípticos, os integrados são desprendidos, não costumam pensar sobre, simplesmente se integram ao movimento sem muito questionar. Os integrados precisam do acesso constante e as ações do Bem precisam ocorrer com certa frequência e serem contínuas, pois dizem respeito ao cotidiano em sociedade, que decorrem justamente da oferta de nos proporcionar conforto e estabilidade e duração.

Os aspectos do ordinário também podem ser encontrados na concepção descritiva de cultura, assim denominada por John B. Thompson (1995). O autor se refere a essa concepção como sendo aquela que entende que cultura é um “todo complexo” (p. 172). Para os pesquisadores referenciados por Thompson, cultura são características da sociedade que diferenciam os indivíduos de uma época e outra, conjunto de hábitos, costumes, valores, artes, ideias, assim como feitos e objetos adquiridos de uma sociedade; dessa forma, diz respeito a tudo o que o homem produz no seu dia-a-dia, sem que essas atividades, necessariamente, estejam ligadas ao desenvolvimento da mente ou produção intelectual.

As questões do ordinário são ressaltadas tanto nas ações do Bem quanto na cultura dos integrados e na concepção descritiva de cultura de Thompson (1995). É possível identificar tal fato na valorização do comum do que decorre em sociedade nos três casos. Nas pesquisas de Thompson, especificamente, os estudos sobre a cultura de Taylor deveriam pesquisar o desenvolvimento das espécies para ter conhecimento de como evoluímos da selvageria à civilização; da mesma forma, podemos fazer relação da sociedade de massa com os produtos de consumo: reconhecemos, muitas vezes, o desenvolvimento de um local em relação aos elementos que podemos encontrar onde vivemos, costumamos dizer que um local é atrasado pois ainda não chegou um celular específico, por exemplo. Dessa forma, a cultura estaria ligada a tudo que os indivíduos fazem em sociedade, e deixaria de ser uma atividade específica, ou atividade rara.

A cultura, no caso apocalíptico, deve ser algo produzido em sua singularidade; já no caso dos integrados, é algo consumido. Ainda que possa haver produção, é uma produção que inclui o banal, o ordinário.

### **Integração (Bem e integrados)**

No seguinte texto realizamos a aproximação do aspecto de integração do Bem com o conceito de cultura constituído pelos integrados, mostrando de que forma esses dois conceitos podem ter características em comum.

O Bem, de Bataille (1989), constituído em sociedade diz respeito às ações pré-estabelecidas, é a forma pronta para seguirmos uma vida tranquila dentro dessas predefinições. Ao nos oferecerem essas fórmulas, a oferta de nos integrarmos a essa dinâmica é tentadora. Uma vez que, se seguirmos essas regras e normas, teremos uma vida estável e confiável, sabemos que iremos durar (sobreviver) se nos integrarmos a esse modo de viver (p. 161), em que não nos faltará moradia, alimentação, saúde, conforto e todos os outros benefícios consagrados. Os integrados nesse aspecto fazem uma relação parecida com o conceito do Bem, uma vez que se integram ao movimento dos meios de comunicação de massa.

Os integrados veem nos materiais dissipados pelos meios de comunicação de massa uma forma de ingresso e acesso a elementos que não tinham alcance anteriormente, e por isso mesmo não podem deixar essa chance escapar, não porque são ingênuos, mas sim porque sua preocupação maior é manter o acesso expansivo da cultura e, para garantir isso, precisam integrar-se ao movimento, para que ele continue estabelecido e consolidado.

Da mesma forma, as ações do Bem são subordinadas às definições estabelecidas da sociedade, pois creem que a funcionalidade é a melhor forma de afirmar sua durabilidade na terra; dessa forma, incorporam-se nas predisposições: “se quer se manter vivo, faça isso e isso!” É o caminho correto, com fórmulas e bases fixas para se ter o que se propõem. Assim, precisam integrar-se a essas normas, é uma espécie de ação-reação, ao contrário do Mal que não pensa nas consequências das ações, podendo dessa forma fugir dessa integração (mesmo que temporariamente).

### **Acesso (Bem e integrados)**

No texto a seguir abordamos a característica do acesso que pode ser encontrada nos conceitos de Bem e integrados, de forma a aproximá-los por tal aspecto.

As leis devem garantir seu acesso a todos os indivíduos em sociedade. Para termos os direitos garantidos, devemos primeiramente estar adequados ao sistema da sociedade. Ganhamos nossos direitos a partir do momento que nos tornamos seres legitimados. O Bem são as formulações que garantem o acesso às diversas esferas da sociedade. Por exemplo, se quisermos constituir uma família, primeiro precisamos ter um trabalho, se quisermos ter dinheiro, primeiro precisamos trabalhar e acumular (ou seja, evitar ao máximo gastar com prazeres do instante e guardar para ter dinheiro no futuro).

O Bem, como lei, oferece-nos a fórmula da manutenção da vida de uma forma segura e confortável. O Mal, enquanto transgressor, na forma de romper com as leis (no sentido também de condições impostas da sociedade), necessita das leis/normas para existir. Dessa forma, também precisa acessá-la, porém, não para garantir os benefícios oferecidos, mas sim para rompê-la e ter o prazer de tirar para si uma satisfação.

Os integrados seguem a mesma lógica do acesso do Bem: são os otimistas em relação aos meios de comunicação, justamente, pela garantia de acesso que agora é possível. Esses meios são formas democráticas de afirmar sua cultura, segundo eles. Os indivíduos veem nos conteúdos dissipados pelos meios massivos como modo de representar sua cultura (ECO, 2006).

Ao contrário dos apocalípticos que creem que a cultura compartilhada e acessível a todos é uma tragédia, pois tende a adaptar-se para atender a massa, os

integrados exaltam o acesso a todos, pois agora conseguem alcançar possibilidades inimagináveis.

### **Recompensa (Bem e integrados)**

No texto a seguir tratamos da função da recompensa presente nos conceitos de Bem e na concepção de cultura dos integrados, entendendo essa técnica como fundamental para a manutenção do que se propõe.

As ações do Bem, enquanto estabelecimento de normas e instituições, sempre procuram oferecer uma recompensa, um prêmio, caso o proposto seja, evidentemente, cumprido de forma correta. O esforço depositado no trabalho será recompensado algum dia. Acumular bens fará com que todo o sacrifício valha a pena (é, pelo menos, o que se acredita).

Os integrados, por sua vez, creem que a cultura de massa estabelecida para todos oferece aos indivíduos gratificações que não existiam anteriormente de forma democrática. Para eles, a recompensa não virá do inesperado, e, sim, do esforço e da luta por aquilo que se estabelece como desejo e necessidade para se conseguir.

Enquanto o Mal e o conceito de cultura dos apocalípticos prefere o prazer do momento ao se sacrificar para serem premiados no futuro, aqui o que há é o aproveitar/experimentar, de modo que o que está em jogo é tirar proveito do puro prazer que o instante é capaz de oferecer, sem se preocupar com o que está estabelecido.

### **Sedentário e nômade (Bem e Mal)**

Nesta seção, trazemos os conceitos de sedentário (sedentarismo) e nômade (nomadismo), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, presentes no livro "Mil Platôs vol. 5"

(1997), a fim de relacioná-los com os conceitos de Bem e Mal, de Georges Bataille (1989).

O conceito de nômade, para Deleuze e Guattari (1997), diz respeito a aqueles sujeitos que, embora tenham uma terra, não têm lugar fixo, isso porque acreditam que a desterritorialização (sair de suas terras) constitui a reterritorialização (possuir a terra, tomá-la para si), isso porque a terra não se torna suporte ou base para algum fim, e sim se torna simplesmente terra, o que é de sua natureza, pois este sim é o seu movimento natural. Quando impomos a utilização de alguma terra para um fim, estamos querendo outro movimento, o das ações globais que movem o mundo a seu modo, de acordo com suas regras; dessa forma, o movimento natural é rompido e substituído pelo das intervenções. Da mesma forma, as ações do Bem ocorrem apenas por imposição, é o movimento da sociedade, para deixar tudo na ordem estabelecida, enquanto que o movimento natural, o do Mal, são as ações que não possuem finalidade, ou planejamento, muito menos estabilidade; as ações do Mal são puro movimento, uma vez que são atos do instante, intensos.

O sedentário fixa-se, ocupa um espaço, transforma-o em solo e base, é cercado por muros e caminhos limitados. O nômade, por sua vez, não possui um espaço, porque ele sempre está de passagem, de tal forma que o seu espaço é liso, sem referências, ou seja, não está delimitado, é marcado por linhas que se apagam e se transferem a partir do seu deslocar (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Ora, a relação nos parece estar bastante evidenciada: o Bem sabe para onde seguir, há um caminho seguro e já delimitado (o da família, o do trabalho etc.); o Mal, por sua vez, aproveita o instante que está vivendo, unicamente o momento, as ações do instante não se repetem, devem ser únicas, começam e recomeçam (de formas diferentes).

O nômade é um problema para as religiões e famílias, pois essas instituições precisam ter seu lugar fixado, seguro e consolidado. A esse aspecto os autores (1997)

relatam como um ideal de sedentarização: uma forma de impor a opção sedentária como necessariamente a melhor, a mais lógica. De tal modo que, caso as ações do Mal ocorram a todo momento, a sociedade começa a enxergar como um problema que precisa ser resolvido, podado, pois essas ações desestabilizam, saem do seu lugar comum (das ações realizadas “naturalmente” no dia-a-dia).

A relação do sedentário com a terra é de propriedade, posse; o sedentário precisa possuir a terra e tirar proveito dela, seja na forma de moradia, plantação ou consumo, enquanto que a do nômade é de puro movimento que não cessa; para ele o que vale é o estar em movimento, não limitar-se e não parar. O Bem precisa ter um lugar na terra, precisa ter onde morar e estabelecer-se; o Mal quer o proveito independente de lugar.

### **Cronos e Aion (Bem e Mal)**

Pensamos ser possível dizer que, a esta altura do trabalho, apresentamos argumentos que mostram que Bem e Mal não opõem-se, porque, em verdade, estão em planos diferentes, em lógicas paralelas. Os conceitos evidenciam tempos diferentes (presente com base no passado e no futuro, no que tange o primeiro; instante, no que tange o segundo).

No livro “Lógica do sentido” (2009), de Gilles Deleuze, o autor traz os conceitos de Cronos e Aion, ambos relativos ao modo de lidar com o tempo. Tais conceitos tornam-se brechas para possíveis aproximações com os conceitos de Bem e Mal.

Para Deleuze (2009), o tempo Cronos diz respeito ao tempo cronológico, aquele que reconhecemos e estamos habituados. O Cronos possui uma ordem, com pontos de referências de começos e fins. Nesse tempo o presente é sempre limitado, o passado e o futuro são apreendidos pelo tempo presente. O presente aqui é o que existe, o passado e tempo futuro são apenas a passagem do presente. Nesse sentido,

é apenas a decomposição em passado e futuro. Cronos é limitado e infinito: “circular no sentido de que engloba todo o presente, ele recomeça e mede um novo período cósmico após o precedente, idêntico ao precedente” (p. 168). Cronos é limitado porque depende de matéria humana para existir; caso não houvesse seres, a organização cronológica perderia seu sentido. Cronos é cíclico, repetitivo, começa, termina e recomeça, sempre dependente da matéria limitada que está agindo sobre ele. O presente nada mais é do que uma sucessão de passado e futuro. Para Cronos, somente o que há para exprimir o tempo é o presente vasto.

Podemos identificar que o conceito de tempo Cronos é o que torna a lógica do Bem possível, pois, para que o Bem exista, deve haver uma história, isto é, uma trajetória. Uma pessoa somente é o que é pelo conjunto de ações que acumula durante sua vida; essas ações formam o seu caráter e tal fato permite o juízo moral. Essa trajetória é o possível pelo tempo Cronos que mede as ações por fatos pré-definidos. Cronos é causa-efeito.

Diferente é Aion, que mede o instante. Para ele não há trajetória nem história, “é preciso manter uma luta sem reticências” (BATAILLE, 1989, p. 138). Na lógica de Aion, uma pessoa expressa um jeito num instante e, no seguinte, já pode expressar completamente outro; suas ações não acumulam, mas sim se dissipam e transformam-se.

Cronos possui pontos de referências; sabemos onde começa e onde termina algo. Desse modo, organizamo-nos. Por exemplo, em nossa rotina (a rotina da sociedade) acordamos, trabalhamos, vamos para casa, dormimos e no outro dia recomeçamos todo o processo novamente. É nesse presente vasto que vivemos, em um tempo cíclico e limitado que tem começo, meio e fim. De tal modo que tudo possa ficar perfeitamente ordenado para continuar infinito.

Já o tempo Aion não possui pontos de referências, é uma linha reta, um corte, que nunca se repete, é acontecimento, uma fotografia, por exemplo, é a apreensão

eterna do instante. Diferente de um filme que tem uma ordem, uma narrativa com começo, meio e fim, a fotografia a cada instante é única, é a ruptura no tempo de Cronos. No tempo de Aion não conseguimos enxergar o início nem o fim. “Na singularidade dos paradoxos nada começa ou acaba, tudo vai ao sentido do futuro e do passado ao mesmo tempo” (p. 82). Para exemplificarmos, pensemos no surgimento da vida e nos deparamos com o Big Bang, porém, não sabemos o que existia antes disso, o que é o início. Aion é a forma vazia, independentemente de qualquer matéria. É o tempo passado-futuro sem passar pelo presente, pois é uma sucessão de instantes que não cessam, em que nenhum presente pode ser fixado. Nesse tempo, somente o que há são instantes.

Pela lógica de Aion, um instante não está ligado a outro. A ligação de tempo que estamos acostumados é apenas uma lógica associativa de Cronos. Para Deleuze (2009), o tempo natural é o Aion, Cronos é o tempo da civilização humana, em que a ação de ontem estará ligada ao hoje e ao amanhã; Cronos entende o tempo como um jogo de dominó. A regra é Aion, Cronos é a exceção. Para exemplificarmos: entendemos a água como fluxo (Aion), o movimento que nunca cessa; se congelarmos essa água, ela não deixa de ser água enquanto fluxo, apenas toma um estado diferente. Esse congelamento ocorre graças ao tempo Cronos, que é um tempo que ordena, organiza o fluxo, porém, tal estado é de exceção; na sequência, volta a ser fluxo.

A lógica de que estamos acostumados é a lógica de Cronos, porém, para o tempo Aion o passado não é o que ficou para trás, assim como o futuro não é o que está à frente, tudo é instante que se divide infinitamente. De modo que o nosso passado é o agora, pois estamos nele e logo é o nosso futuro, pois já passamos dele.

O Mal, assim, pode se relacionar com o Aion, tempo composto somente de instantes. De tal forque que o Mal é instante que possui uma força momentânea, o tempo Aion é feito de instantes que não se repetem. Para Aion não precisa haver uma lógica, da mesma forma as ações do Mal que, ao sentirem vontade de expressar-se,

não buscam uma razão para tal. No momento de ápice, Mal e Aion não se preocupam com algo específico, pois não precisam de nada para se apoiarem, são independentes. Tudo é instante imediato, potência que não precisa de lógica para ser fato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a sociedade se preocupando cada vez mais com a questão do tempo, trazemos o presente trabalho para, além de mostrarmos a discussão e aproximação dos quatro conceitos Mal, Bem, apocalípticos e integrados, estabelecermos uma reflexão teórica que nos coloca numa posição interessante, justamente, por termos que colocar convicções existenciais em suspensão. De quebra, buscamos fazer o leitor pensar sobre o aspecto do tempo, sobretudo no que diz respeito ao modo como administra esse fator tão decisivo em nossas ações.

Observamos que, na maioria das vezes, devemos (por imposições) planejar o tempo por conta da vivência e convivência em sociedade; mesmo porque, caso contrário, viveríamos de forma demasiadamente incerta. Porém, podemos pensar mais sobre o tempo e de como podemos encará-lo, experimentá-lo.

Devemos perceber o paralelo existente (e necessário) entre os quatro conceitos trabalhados. Mal/apocalípticos e Bem/integrados (acrescentando Kultur, nomadismo e tempo Aion à primeira dupla e conceito descritivo de cultura, sedentarismo e tempo Cronos à segunda) coexistem e muitas vezes relacionam-se, pois o Bem necessita do Mal para existir, assim como o Mal necessita do Bem para existir. Fato que se repete com o entendimento de cultura pelo viés apocalíptico que somente existe porque o pensamento de cultura dos integrados existe e vice-versa. Precisamos dos contrastes para que os dois casos se expressem-.

O trabalho que propomos, conforme já vimos, não possui um problema e uma hipótese, pois diz respeito mais a uma discussão de conceitos que, em verdade, é uma discussão infinita, jamais chegando a uma resposta final.

Com a discussão dos conceitos de Bem, Mal, apocalípticos e integrados e suas aproximações, trazemos a este trabalho um modo diferente de enxergar tais conceitos. O Bem é aproximado da concepção de cultura dos integrados e o Mal é aproximado da concepção de cultura dos apocalípticos, ambos por suas relações com a questão do tempo.

Tal proximidade realiza-se, principalmente, a partir das seguintes aproximações: o instante é relacionado ao Mal e ao conceito de cultura estabelecido pelos apocalípticos, o planejamento futuro ao Bem e ao conceito de cultura estabelecido pelo viés dos integrados, a característica do singular é encontrada nas ações do Mal e no entendimento de cultura dos apocalípticos, os aspectos do ordinário são aproximados aos atos do Bem e à concepção de cultura pelo viés dos integrados, a integração que aproxima os conceitos de Bem com a visão de cultura dos integrados, o acesso ao Bem e ao entendimento de cultura dos integrados, a recompensa às ações do Bem e o conceito de cultura estabelecido dos integrados, o sedentário e o nômade aos conceitos de Bem e Mal e os conceitos de Cronos e Aion são aproximados ao Bem e ao Mal.

Por fim, reiteramos a tese que apresentamos ainda no início deste trabalho: a discussão entre apocalípticos e integrados (discussão provocada espiritualmente por Eco e tão recorrida na Comunicação) é uma discussão que jamais deve buscar consenso; precisamente, porque cada um dos envolvidos está num plano específico, cada um tem um projeto temporal, espacial e conceitual.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o Mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Mágica e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura - Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

CIRNE, Moacy **Quadrinhos, memória e realidade textual**. Disponível em: <<http://lrc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/obj3469.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2016.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Barbárie estética e produção jornalística: a atualidade do conceito de indústria cultural**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300007)>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997

GOHN, Daniel. **Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais**. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/265>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GREGORI, Maria Filomena. **Relações de violência e erotismo**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

JORON, Philippe. **A soberania do mal: Georges Bataille e a inocência culpada da literatura.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v36n1/14.pdf>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. **Heterologia e alteridade social ou a comunicação pela margem.** Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3484/2541>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

MOGENDORF, Janine Regina. **A Escola de Frankfurt e seu legado.** Disponível em: <<http://portal.sipeb.com.br/santana/files/2011/03/Escola-de-Frankfurt.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

PIEDRAS, Elisa Reinhardt. **A contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade: processos de comunicação persuasiva e as noções "articulação" e "fluxo".** Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/74/74>>. Acesso em: 27 abril de 2016.

POLISTCHUCK, Ilana. TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio – organizadores – **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo; Atlas, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1995.